

DOS ACASOS: ANOTAÇÕES EM TEMPOS CATACLISMÁTICOS OU EFEITOS DE UM ISOLAMENTO*

Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias

Carlos Augusto Silva e Silva

Resumo

Este capítulo problematiza a força propulsora dos encontros “experiência do acaso”, um encontro com o menor, com ínfimo, os quais afetariam de maneira potente os personagens poético-conceituais, ligando luzes para ver um tempo que não é cronológico ou, necessariamente, com conexões entre os acontecimentos, pois o tempo, aqui, é acontecimental. Agora, experienciando o menor no sentido mais literal do termo, um encontro com um vírus, mas não apenas com ele, mais ainda com os seus efeitos e o que gerou. Inspirados por composições artísticas e filosóficas, duas pessoas produzem acontecimentos na escrita conduzidos por afetações num período de isolamento social devido a pandemia do covid-19. Criou-se relações im-prováveis numa escrita atravessada por múltiplos encontros que perfuram a cronologia da modernidade, perfura tudo o que toca. E que no trânsito pelas palavras e encontros cada leitor faça da leitura um acontecimento impossível, recriando-o e sendo recriado. Afinal, o que pode a escrita num tempo de isolamento?

Palavras-chave: Experiência do acaso. Acontecimentos na escrita. Pandemia do COVID-19.

Experiência do acaso

É pela força telúrica do verbo *acontecer* que a brisa dos encontros estremeceu uma experiência do acaso e fez dele acontecimentos de acontecimentos tecidos por múltiplas mãos. Mesmo desejando o já dado, o acaso violenta, chega e acontece. Dá-se como uma pedra no caminho que, no silêncio, torna-se gente e produz cantorias a fim de se tornar outra coisa. É no silêncio que o impossível se torna possível, torna-se encontro, torna-se.

Este acaso do qual falamos seria a força propulsora dos encontros, logo dos acontecimentos, pois todo encontro é um acontecimento e os acontecimentos são geridos pela ordem do acaso; o encontro é sempre algo que violenta o pensamento a partir de uma força que abala as verdades, sendo uma “[...] relação absolutamente exterior na qual o pensamento entra em conexão com aquilo que não depende dele” (ZOURABICHIVILI, 2016, p. 52).

Quem sabe, pensar uma “experiência do acaso”, um encontro com o menor, com ínfimo, os quais afetariam de maneira potente os personagens poético-conceituais, ligando luzes para ver um tempo que não é cronológico ou, necessariamente, com conexões entre os

* DOI - 10.29388/978-65-86678-51-2-0-f.747-762

acontecimentos, pois o tempo, aqui, é acontecimental. Agora, pensando o menor no sentido mais literal do termo, um encontro com um vírus, mas não apenas com ele, mais ainda com os seus efeitos e o que gerou.

Inspirados por composições artísticas e filosóficas, duas pessoas resolveram produzir acontecimentos na escrita conduzidos por afetações num período de isolamento social devido a pandemia do covid-19. Criou-se relações im-prováveis numa escrita atravessada por múltiplos encontros que perfuram o pensamento moderno-cronológico, perfura tudo o que toca. E que no trânsito pelas palavras e encontros cada leitor faça da leitura um acontecimento im-possível, recriando-o e sendo recriado. Afinal, o que pode a escrita num tempo de isolamento?

Encontro I: Explosões



Fonte: Imagem capturada do filme *The flu. A Gripe* (2013)

Escrevo de um lugar que torna a minha escrita não profissional, não jornalística, não informativa. Faço uma narrativa única, singular. Sou professora, e agora minhas experiências são como um olhar pelo retrovisor. E desse retrovisor vejo uma aula como aquilo que acontece naquela relação que se dá entre professor e o aluno, no lugar determinado, por um período determinado, de forma presencial. Vivo o medo do desconhecido, mas afinal, mudar o referencial é preciso, viver não é preciso? Somos incitados a viver de maneira nova. Desse tempo de escassez sou um corpo vivo entre 7,8 bilhões de pessoas na terra. Neste momento suspensa como outros bilhões. Vida acuada, sufocada, regulada por decretos. Sem saber, cumpre em nós uma promessa do retorno do monstro terrível- o vírus. Impossível fugir dessa experiência.

Numa noite qualquer do mês de abril, encontrei-me com *The Flu* (2013) e suas imagens encenadas de um lugar na Coreia do Sul que toma a doença como disparadora para o caos de uma quarentena: vidas ensacadas, vidas sufocadas, vidas levantadas...por uma grande máquina até atingir certa altura, após isso são lançadas no mais escuro caos e formam um montueiro de pessoas. É difícil não esquecer de onde resido e trabalho: Brasil; um país que adota uma política definidora de quem vai viver (ou morrer), para alguns isso se chama biopolítica: abuso de poder com relação à vida, para outros isso é a morte se fazendo presente a cada esquina. Como no filme, países fecham suas fronteiras, limitam a locomoção interna dos cidadãos, decretam isolamento social. No caso do Brasil, temos muitas mortes, mas principalmente a dos negros, dos pobres, dos indígenas. Repito: é a morte se fazendo presente a cada esquina.

Pratico um jogo incerto que se põe em risco a própria vida e de outros na sombria loteria sorteada entre o contágio e a morte. Não há imunidade para ninguém, assim, vivo tateando no escuro. Dessa forma, como sou afetada pelo mundo pandêmico? O que posso aprender? Que espaços o mundo pandêmico fechou e abriu para as pessoas? Que gramática posso dar à forma de vida pós-confinamento? Quais são as ofertas e as exigências do mundo na Pandemia? O que tenho a executar? Qual será a minha intervenção? Essas questões norteiam a escrita deste texto.

Não prometia o ano de 2020 profundas mudanças nas formas de vida acadêmica, vida escolar, vida social, vida econômica, vida cultural, vidas... Afinal, isto faz parte da vida, como bem nos diz Clarice Lispector: a vida é um soco no estômago...um soco de um ser tão pequeno, porém com força suficiente de nos tirar o ar, o oxigênio vital que libera em nós a normal”. Será que posso chorar a morte desse mundo que se chama “normal”?

Encontro II: Somos acontecendo



Fonte: United-nations-covid-19 response- hp3iqwZXD8-unsplash

Fonte: Foto de Ishara S. Kodikara/AFP

Somos únicos. Mas os menos favorecidos aparecem na cena pública como coletivizados. Vivemos lutas armadas pela demarcação de territórios e esse vírus atravessa todos eles. É como diz Franceschini (2014, p. 24) “O encontro nasce de uma distração: quando olhamos estamos diante de outro corpo. Na janela aberta para o acaso que a distração supõe (sem nada supor), os ‘distraídos’ desdobram-se em passagens sempre inacabadas e descentralizadas”.

De uma hora para outra o cotidiano mudou. Não poderia imaginar a impossível chegada de um medo irracional, do caos social, do sofrimento, da morte acontecendo [3] em todo o mundo ao mesmo tempo. Afetou todo o planeta essa terrível repetição. Reaparecência. Aparição espectral de modos de morrer.

A terrível chegada do Vírus chegou varrendo o mundo. A quem pediu hospitalidade [4], ó hospede absoluto? Não! De forma alguma és um hóspede convidado. Quem são os anfitriões? Quem esteve preparado para o acolhimento? Ó vinda inopinada, imprevisível!

Não havia um horizonte de espera, ninguém te viu vir, pois segundo a Organização Mundial de Saúde, a origem do vírus ainda não está determinada.

Ó impossível chegada pegou todos absolutamente desarmados, desamparados.

Ó surpresa absoluta! Chegou do “muito alto” e caiu verticalmente no colo das vidas. Vidas pretas. Vidas amarelas. Vidas vermelhas. Vidas brancas. Não importa a cor da pele viva. Morte é a promessa da vinda repentina.

Não apenas as mulheres choram com a sua chegada- Lágrima de luto. Choram filhos, filhas, netos, bebês de colo, amigos, colegas. O luto está aí. Vivemos um processo de luto, e temos o direito de expressar nosso sentimento de dor, não apenas individual, mas também coletivo.

Como no Filme *The flu* (2013) os governantes, ministros, estão preocupados com os reflexos econômicos da pandemia e as pessoas amargam forte contaminação e mortalidade.

As lágrimas escorrem rasgando os corpos vivos. A morte é habilidosa, de certa maneira. Forte vulnerabilidade de todos humanos: cientistas, ricos, intelectuais, artistas, padres, pastores, pobres, pretos, idosos, jovens, crianças.

Figura 3- Fique em casa e cante ou chore de fome



Fonte: United-nations-covid-19 response- TMOIw87uiCY-unsplash.

No artigo intitulado “*Confinamento para rico é férias; para pobre é fome, analisa Paula Schmitt*” a autora inicia o texto com destaque a uma frase que muito se tem falado nesse tempo de pandemia “na morte somos todos iguais”, mas na verdade “[...] a morte não nivela ninguém, porque naquele momento ninguém é alguma coisa – ali, todos deixam de ser”.

Encontro III: Vida em suspensão

Vida e morte são acontecimentos inerentes à existência humana. Nunca se falou tanto sobre viver e morrer, saúde e doença. Vive-se tão pouco, morre-se tão repentinamente. As notícias não param de chegar, vozes ecoam na minha cabeça. Há uma onda viral, com força de pandemia, assombrando aquilo que se entendia por vida. À morte, acontecimento renegado da experiência vivente, vem sendo atribuídos sentidos diversos. Se com o alvorecer da pandemia a morte é monstro que ninguém deseja conhecer, um rio de águas barrentas em que o corpo rejeita banhar, hoje, julho de 2019, soma-se mais de 80 mil corpos sem vidas... e segue contando... e a morte, por COVID-19, tornou-se trivial, um acontecimento banal... Se falo em morte por COVID-19 é porque a morte não é um acontecimento distante das classes mais populares. Somos testemunhas de uma política de morte, mesmo antes da propagação dessa doença, já seguíamos caminhando uma travessia suicida, afinal habitamos um dos países com maior índice de desigualdade do mundo. No Brasil, morre-se todo dia... de fome, em razão da cor da pele ou da orientação sexual, da ausência de políticas públicas em saúde.

Vivo em um parêntese desde março de 2020, e desse lugar transitório (não-lugar) escrevo no tempo exato que a história acontece. Escrevo dentro de casa, dentro do mundo pandêmico, escrevo encharcada de sensibilidades, pois escrever é usar o corpo inteiro, não se escreve sem um corpo, alerta Clarice (1977) na obra “*A hora da estrela*”. Escrever é dar conta das forças que atravessam o corpo. A escrita é uma necessidade vital do corpo daquele que escreve, as palavras são o alimento, confere ao corpo uma grande saúde, não porque é uma panaceia para o corpo, mas porque o escritor é aquele que viu o mundo, diagnosticou as feridas profundas do humano, as doenças inquietantes, o desassossego da solidão. Escrever em tempos de pandemia é escrever sobre os afetos que atravessam esse corpo... é escrever sobre a vida, e sobre a morte, e sobre a vida e morte...

Escrever é procurar estender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador (LISPECTOR, 1999, p. 134).

Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus? Questiona Boaventura de Sousa Santos. De repente, somos convocados a dar respostas que a gente não tem. E desse campo de visão entendo que no “tapete da vida” jogos surgem, são jogados, morrem, são esquecidos, e novos jogos nascem.

É como se de uma hora para outra eu fosse levantada e retirada por um imenso gancho para fora da vida cotidiana, e a nova vida se aproxima da possibilidade de morrer. Se tal catástrofe não mudar as nossas vidas; o que é que muda uma vida?

Encontro IV: Forças que se mostram



Fonte: Clarice Lispector (1975).

Tal imagem criada por Clarice Lispector reforça os atos peculiares que se mostram predominantes em meio ao momento pandêmico; *lives* feitas em redes sociais movendo o esforço de centenas de mãos para trazer a imagem daquele determinado artista (em sua grande maioria, branco e de classe alta) da melhor forma possível para a grande massa usando slogans como *#fiqueemcasaecante#*. Porém, ao analisar a tão amplamente difundida frase “fique em casa”, podemos imediatamente trazer a vida do norte-americano de classe média isolado em sua casa com carpete e aquecedor, mas dificilmente poderíamos trazer essa imagem de “fique em casa” para as vidas ribeirinhas, faveladas, comunidades de lixões, moradores de ruas... Vidas cuja tal “casa” se encontra em perigo ou até mesmo a imagem de “casa” não existe, sendo assim, se torna impossível se impor uma ideia de isolamento e confinamento.

Ao nos depararmos em meio a um cenário tão caótico quanto o nosso atual, podemos avistar uma luz sendo jogada sobre vidas que há muito foram varridas para as sombras de uma moldada miséria e desigualdade moldada há anos pelo capitalismo e pela elite que tudo anestesia com enxurrada de informações prolixas que funcionam como cortinas de fumaça, ocultando histórias e realidade que, de fato, são muito mais comuns do que percebemos quando tomamos apenas a tela como janela para a realidade. Grandes fatores que nos revelam isso são as chuvas que causam alagamentos e deslizamentos em que que a grande mídia sempre culpa o mais pobre.

Uma força intrínseca a essa pandemia nos faz abrir os olhos para tal cena recorrente; o desprezo e genocídio do estado para com os povos indígenas e que, ao fazê-lo, desobriga-se assistir tais atos por meio de veto em lei, apoiado por mãos que buscam controle de determinada terra. Por meio dessa ação assustadora é possível notar o número alarmante do avanço da dizimação desse povo.

De toda forma, o que é novo é a reinvenção da vida. Em um desses dias pandêmicos, ouvi da apresentadora da Rede Globo, Fátima Bernardes, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, o seguinte diálogo:

— Estou usando a mesma bolsa há mais de três meses. Cheguei a me perguntar para que tenho tantas bolsas? Vejo que não preciso.

— Fátima, quem sabe, *ficando em casa*, vivendo com menos consumo e mais tempo para a família, você e o mundo aprenda que muito do que se faz hoje nos trabalhos pode ser feito de dentro de casa e que o excesso de bens materiais está nos tirando o tempo para mantê-los.

Encontro V: Formas de vidas (solidariedade, solidão)



Fonte: captura <https://braziljournal.com/poesia-contr-a-pandemia-maos-dadas>.

Aprendemos com o vírus que não há vida individual que não esteja imediatamente implicada com o coletivo.

Um dia desses senti saudades de um professor muito querido. Escrevi para ele pelo aplicativo de celular *WhatsApp*.

—Bom dia Professor Miguel, como você está?

Ele respondeu:

—Bom dia, Kátia. Estamos bem por aqui e vocês por aí?

Essa resposta simples mexeu comigo nesse tempo de Pandemia. Entendi que eu não sou. Somos. Ele não está. Estão.

Há uma canção do músico brasileiro Gonzaguinha¹ que diz:

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente,
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas.

Entendo que não haverá solução individual e que as ações solitárias não produzem resultados.

Reacendeu em mim a convicção - O que nos salva é a esperança -. Nesse sentido, o site *Brazil Journal* publicou no dia 19 de abril de 2020 o artigo “*Somos Poesia Contra a Pandemia: Mãos Dadas*”. Trata de um poema do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade – “*Mãos Dadas*”, publicado em 1940, em meio à Segunda Guerra Mundial. Drummond via as pessoas tristes, fechadas, recolhidas; mas sentia que conservavam dentro de si esperança possível.

Estou preso à vida e olho meus companheiros
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
Entre eles, considero a enorme realidade
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito,
Vamos de mãos dadas...

Que lições a pandemia deixará para a humanidade? As palavras do Papa Francisco para uma Praça de São Pedro deserta mexeram comigo:

Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos face a guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente.

O vírus só busca a raça humana, nenhuma outra espécie. Todas as outras espécies estão vivendo como se nada estivesse acontecendo, mas está acontecendo sim algo especial para com a natureza: as borboletas, os peixes, as plantas estão felizes com o confinamento da espécie humana.

¹ (GONZAGUINHA/ Caminhos do coração).

Encontro VI: Um gato preto



Fonte: Carlos Silva (arquivo pessoal)

Uma notícia do Jornal Preliminar (*on line*) intitulada “*Golfinhos voltam a Veneza vazia durante quarentena*”. *Vídeo* mostrou que:

[...] com a pandemia de coronavírus – as pessoas em quarentena e as cidades vazias – a natureza se pronuncia mais uma vez com a volta de golfinhos. Foi a surpresa da semana, depois das águas que ficaram límpidas nos canais venezianos, antes sempre turvos e com um mal cheiro reclamado por turistas do mundo todo. Cardumes de peixes foram vistos e registrados por algumas pessoas que ainda circulam na cidade. A cena dos golfinhos foi registrada por italianos e repostada por várias pessoas no mundo. Um dos moradores disse no twitter: Pensei em espalhar um pouco de positividade para vocês. Desde o fechamento de Veneza sem a poluição dos barcos, a água começou a clarear e um golfinho foi visto no canal pela primeira vez em quase 60 anos! #Veneza”. Outro disse: “Veneza não vê água clara do canal há muito tempo. Golfinhos aparecendo também. A natureza acabou de apertar o botão de reset (FASINA, 2020).

Um corpo-solitude celebrou encontros cósmicos que o tornara vivo num lugar chamado escrita, ali resistia ao extermínio, à morte, conversando com o Nietzsche, um gato preto sábio que ao certo deve saber que criar é resistir, pois cria sequelas de acontecimentos vividos por entre os cômodos de sua casa ao ser proibido de experimentar a vida que percorre nas ruas. Era madrugada quando este corpo-solitude ouviu um barulho na janela do quarto:

era Nietzsche realizando um salto impossível da janela do primeiro andar de um prédio até o terreno abandonado ao lado. Longe dele e paradoxalmente tão perto. Nietzsche era descabido como uma pintura num corpo que atravessa a alma e embrenha num matagal sob a noite fria, cheia de perigos, mas era isso que almejava. Nietzsche cultivava histórias de um passado em que foi abandonado na penúria de uma madrugada, esmagado pelo capital humanocentrado, pelo simples fato de ser um gato e preto. Nietzsche escreve de seus encontros palavras que derretem e queimam. Tal corpo-solitude se pergunta: como estaria se Nietzsche não estivesse lhe salvado de sua própria solidão? A resposta, que só ele saberia responder, foi o suficiente para sair à procura de Nietzsche na madrugada que se dizia pandêmica.

Encontro VII: Peles de um vírus ou seus envelopes



Fonte: Carlos Silva (arquivo pessoal).

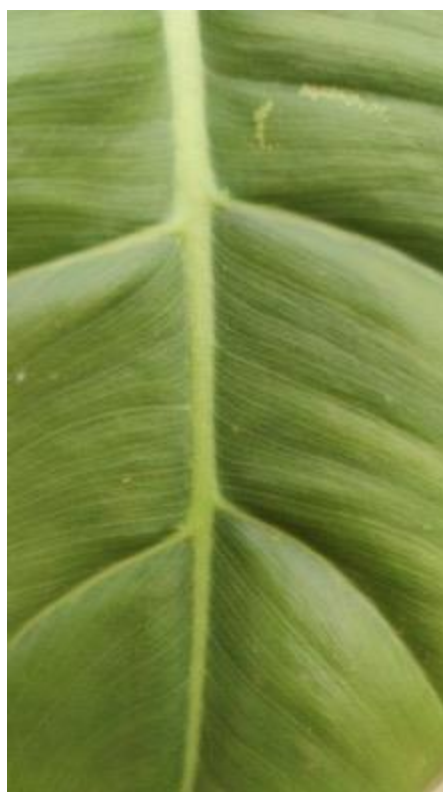
A Pele é uma troca com o mundo, uma janela para o mundo, aparece um vírus, cai uma folha, outra folha, mais uma folha, 651,902 folhas que se tornam apenas estatísticas... tudo é ou se torna barro...tornam-se vestígios. O reflexo do sol que atravessa a janela e colore a pele. São sobreposições de silhuetas. A silhueta é quando a pele toca a terra. O corpo-solitude se encontrou com suas silhuetas ao encenar o confinamento privilegiado, afinal ele poderia fazer *home office*. Isto lhes causou medo.

O encontro de um corpo-solitude, aqui, não é lido a partir de um conceito Deleuziano, é o contrário. As silhuetas-encontros que falam mais dos acontecimentos do filósofo, pensando para além dele e se aproximando um pouco mais de uma avenca (vegetal)

que o corpo-solitude encontrou numa caminhada noturna que fez lembrar-se de sua avó já falecida que lhes ensinara sobre a escuta sensível que se deve ter diante das plantas. Pois o acontecimento passa a ser também encarado não apenas pelo que se exprime de um encontro, mas também pelos vestígios da ação de um corpo sobre o outro, isso é, o que resultou de um encontro corpóreo... seja corpo avenca, corpo Nietzsche (não o filósofo), corpo Deleuze...

Acontecimentos como produção do possível no impossível (DERRIDA, 2001), que também pode ser um quase-acontecimento², um quase acontecer, uma quasidade (DE CASTRO, 2009) como aconteceu com a avenca coletada, ela quase morreu devido talvez os dias que ficaram sem conversar: corpo-solitude e corpo-avenca. E Nietzsche? Também quase morreu pois...

Encontro VIII³: Entre e...



Fonte: Carlos Silva (arquivo pessoal).

O corpo-solitude se reativa em novos caminhos para liberar a vida como um acontecimento apostando nas alianças, na seriedade e nos atos insubmissos da coragem. Cultivando a um pluriverso na/da vida, com um grito coletivo: queremos a vitalização da vida!

² Noção de *quase acontecimento* proferida por Viveiros de Castro, pois a *quasidade* contida no *quase acontecimento* é acontecer. O etnólogo relata sobre o encontro dos indígenas que, imersos na solidão, vagueiam pela floresta e vivenciam um quase encontro com espíritos. Ora, quase acontecer produz uma noção acontecimental, assim, quase acontecer faz vazar acontecimentos. Uma quasidade, um quase estou, quase fui, quase experimentei, quase morri.

Nos encontros gerados pelos acontecimentos não se nega o acaso, pelo contrário, afirma-o. Produzir um acontecimento que dependa do acaso, de uma contingência que alimenta as forças do encontro, pois de acordo com Deleuze (1962) inspirado em *Nietzsche*, o acaso é uma afirmação. O acaso é uma arma que a escrita dispõe; cria acontecimentos capazes de variar a vida e o pensamento, de produzir um oxigênio vital que impede que sufoquemos diante dos trâmites castradores que produzem sentimentos de impotência.

O acaso por si só não vale de nada, é necessário potencializá-lo. É permitir-se contaminar não só pelo Nietzsche ou a Avenca, mas também pela terra, povos das florestas e os *xapiri*⁴, com Estamira no lixão⁵, um aluno dislexo deixado num canto da sala desenhando ou até mesmo uma rocha, aquela que está à frente de sua casa. São afetações da ordem do acaso que tornam o outro e a mim em outrem, ajudam a perceber a escrita como lugar de resistência, pois concordo com Mia Couto (2005, p. 8) quando este diz que “[...] o escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamento, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimento e de encantamento”, por isso penso escrevendo, com letras, imagens, potências e vidas para além de um caminho já pavimentado onde as folhagens pouco crescem.

Encontro IX: Move e vive



Fonte: Carlos Silva (acervo pessoal).

Diz o Corpo-solitude: “[...] escrevo porque quero uma resposta das palavras que navegam. Fotografei o igarapé, mas não aquele igarapé Altamira. Talvez lá as respostas apareçam”. Muito mais do que entender o que as palavras dizem é saber ouvir o que elas não dizem. Talvez assim esse corpo-solitude possa revitalizar a vida contida nele.

⁴ Referência ao livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* de Davi Kopenawa e Bruce Albert.

⁵ Referência ao documentário sobre *Estamira* (2004) produzido por Marcos Prado.

Encontro X: Com



Fonte: Carlos Silva (arquivo pessoal).

Se o covid-19 é uma janela, o que vemos quando colocamos as mãos para fora? O que sentimos quando fixamos o olhar para fora da janela? O que cheiramos quando colocamos os ouvidos para fora da janela? Desloca-se para fora das curvas, pelo menos em algum momento.

Quem tiver pele que toque, o ato de criação de um corpo é justamente a pele... quando se faz a curva. Escorre-se pelo vazão das águas mais superficiais, pois o mais profundo, como diria Gilles Deleuze, é a pele.

O encontro mais potente do corpo-solitude foi justamente o que ele teve com a sua própria silhueta ou o que vazava dela, suas mobilizações, seus vestígios, as explorações de um acontecimento, pois nada é uma coisa só, um encontro nunca é uma coisa só. Sempre há algo agarrado ou em “devenir com”. Profundas conexões, pois o mundo todo é vivo, tudo é uma profunda floresta.

Ao se sentir tocado pela intrusão de Gaia o Corpo-solitude perde a centralidade, e absorve forças que não necessariamente são humanas; sendo atravessado por uma cosmopolítica que lera com Stengers (2018). Forças em devir. Alimentar uma aliança com vírus mortal (por que não?) afinal o problema é menos esse tal vírus do que aquilo que provocou Gaia, né Stengers?

Encontro XI: Escrita como dilatação



Fonte: Carlos Silva (arquivo pessoal).

A vida está em suspensão! O corpo-solitude está em suspensão! Porém muitas vezes paralisado pela impotência do medo. Não saber muito sobre este vírus silencioso (que tira o ar) e onde os seus efeitos irá desembocar pode ser aterrorizante. Se existe um tempo, este é o agora! Se algo nos resta, é este momento aqui que estamos. Se existe uma saída, talvez seja a de reinventarmos a maneira de como pensamos o agora. Não dá para abrigar-se no lamento de um futuro glorioso vindouro, o progresso Moderno já caiu por terra e levou consigo Descartes (tomara, em partes). O corpo-solitude viu o seu céu cair e o que fez? Dançou na madrugada.

[1] Capital da província de Hubei na China.

[2] Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/coronavirus-pode-levar-meio-bilhao-de-pessoas-para-pobreza-diz-estudo-24362350>

[3] Acontecimento supõe a surpresa, a exposição, o inantecipável. É evidente que se há acontecimento, é necessário que não seja nunca predito, programado, nem mesmo decidido. (DERRIDA, 2012, p. 232).

[4] Escrita inspirada na obra *Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento*. Texto pronunciado por Jacques Derrida durante o seminário “Dire l’événement, est-ce possible?”,

em 1º de abril de 1997, no Centro Canadense de Arquitetura. Reunido hoje no livro homônimo que reproduz três textos (dois comentados por Derrida aqui, de Soussana e de Nouss, e esse que agora se apresenta), © Editions l'Harmattan, em 2001. (N. de T.). (DERRIDA, 2012, p. 231).

Referências

A GRIPE: Série original Netflix, 2013 / 1h 57min.

DE CASTRO, E. V. **A morte como quase acontecimento**. São Paulo: Instituto CPFL, 2009. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2009/10/16/integra-a-morte-como-quase-acontecimento-eduardo-viveiros-de-castro/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

COUTO, M. **Pensatempos**. Lisboa: Caminho, 2005.

DELEUZE, G. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1ª ed. 1962 [Nietzsche e a filosofia. Trad. bras. Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora RIO, 1976].

DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. **Revista Cerrados**, v. 21, n. 33, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>>. Acesso em: fev. 2020.

_____. **Une certaine possibilité impossible**. Dire l'élément, est-ce possible? Séminaire de Montréal. Paris: L'Harmattan, 2001.

ESTAMIRA. Direção: Marcos Prado. Rio de Janeiro: Riofi me/Zazen, 2004.

FASSINA, A. Golfinhos voltam a Veneza vazia durante quarentena. Vídeo. **Jornal Preliminar**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.jornalpreliminar.com.br/m/noticia/49752/golfinhos-voltam-a-venezavazia-durante-quarentena-video>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FRANCESCHINI, É. **Dos sopros à clínica**: comendo com Clarice Lispector. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, novembro. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/handle/10737/344>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

GONZAQUINHA. Caminhos do coração. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/280648/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

KOPENAWA, D E ALBERT B. **A queda do céu: palavras de um yanomami**. São Paulo, companhia das letras, 2015.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

_____. **Entrevistas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

O GLOBO economia. Coronavírus pode levar meio bilhão de pessoas para a pobreza diz estudo. 09. 04.2020. 17:04Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/economia/coronavirus-pode-levar-meio-bilhao-de-pessoas-para-pobreza-diz-estudo-24362350>>. Acesso em: 20.fev. 2020.

REDAÇÃO RBA. Papa: ilusão achar ‘que continuaríamos sempre saudáveis em um mundo doente’. 27.03.2020, às 18h47. Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2020/03/papa-e-ilusao-pensar-que-continuaríamos-sempre-saudaveis-em-um-mundo-doente/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

SAMOR G. Somos Poesia Contra a Pandemia: Mãos Dadas. **Brazil Journal**, 19 abr. 2020, às 20h38. Disponível em: <<https://braziljournal.com/poesia-contra-a-pandemia-maos-dadas>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SCHMITT, P. Confinamento para rico é férias; para pobre é fome, analisa Paula Schmitt.

Poder 260, 26 mar 2020 , São Paulo . SP Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/opiniao/coronavirus/confinamento-para-rico-e-ferias-para-pobre-e-fome-analisa-paula-schmitt/>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

SOUSA SANTOS, B. Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar. In: **Quarentena: reflexões sobre a pandemia e depois**. Bauru: Canal 6, 2020. p. 45-49.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 442-464, Brasil, abr. 2018.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.